

Ainda é possível evitar a hiperinflação

Miriam Leitão

Como na frase-título do livro de Gabriel García Marquez, o Brasil também vive a crônica de uma hiperinflação anunciada. Economistas, empresários e fazedores de opinião se comportam como se viver um período de total descontrole inflacionário e tumulto social fosse uma fatalidade. O JORNAL DO BRASIL levou esta questão aos economistas que reúne uma vez por mês para um balanço da situação econômica e, felizmente, colheu a impressão de que ainda existem instrumentos para se evitar o pior, por mais fraco e desatinado que pareça o governo.

O professor Rogério Werneck, da PUC, acha que o governo assemelha-se a um naufrágio. "Segurar preços públicos para evitar um crescimento ainda maior da inflação é tipicamente um comportamento de naufrágio." Ele explica, por exemplo, que como a receita operacional da Petrobras é de 5% do PIB, deixar os preços atrasados 20% no ano provoca um déficit de 1% do PIB. "O que a esta altura faz muita diferença."

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen está convencido de que "o governo ainda tem elementos para segurar uma hiperinflação, embora não sejam os instrumentos ideais". E propõe um mini-choque fiscal (no lugar do mega-choque necessário) com uma política monetária agressiva. "O ritmo da escalada da inflação pode ser detida pela política monetária", diz Simonsen, constatando: "Nunca vi um país sem expansão monetária que tivesse hiperinflação."

O economista Edmar Bacha pensa que o fundamental agora é "segurar as pontas", ou seja, ir administrando para evitar "a dramaticidade da explosão argentina". Isto mesmo que a inflação suba mais um pouco: "Não há que temer 40%." Paul Singer, da USP, secretário do Planejamento do governo petista da cidade de São Paulo, propõe que as lideranças sindicais ajudem a organizar um processo de regulação dos preços, junto com os empresários. Para justificar a proposta, Singer lança mão de uma frase do líder chinês Deng Xiaoping: "Não importa a cor do gato, desde que ele cace o rato."